

CONTRIBUIÇÕES PARA A COMPREENSÃO DE TEXTOS ESCRITOS: O USO DIDÁTICO DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Jane Pereira Costa¹

Introdução

A educação escolar no Brasil, atualmente vem sendo monitorada nas mais diversas formas através de avaliações nacionais, envolvendo conhecimentos e habilidades nas áreas de matemática e Língua Portuguesa. Os resultados destes exames, conhecidos como Prova Brasil, Provinha Brasil, esboçam um panorama do nível de letramento da população jovem brasileira.

O Instituto Paulo Montenegro (IPM), de iniciativa independente, é responsável pelo exame que ocorre a cada dois anos envolvendo as duas áreas de conhecimento, ou seja, matemática e língua portuguesa. Este instituto, através do INAF (índice nacional de alfabetismo funcional) faz um levantamento dos conhecimentos da população brasileira entre quinze a sessenta e quatro anos, verificando então, seu nível de alfabetismo funcional. Segundo dados do INAF / 2009², apenas 25% deste grupo se encontra no nível pleno de alfabetismo funcional.

A realidade das escolas, mesmo com os programas de incentivo à leitura, como o Literatura em Minha Casa, PROLER, PNLD, revela a carência de melhores investimentos no ensino brasileiro, no CAQ (custo aluno qualidade), é suficiente analisar os resultados dos exames a nível nacional.

Para maiores esclarecimentos, este artigo se propõe a realizar uma breve análise das contribuições do eficiente uso didático dos diversos gêneros textuais para que o aluno possa através de suas estratégias de leitura, estabelecer uma compreensão daquilo que está lendo, e desta forma, apropriar-se dos bens culturais da sociedade em que vive.

1. A prova Brasil:

¹ Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

² www.ipm.org.br

Este instrumento constitui a principal avaliação do rendimento de escolas públicas brasileiras, proposta pelo Mec. Envolve alunos de 5º e 9º ano e ainda o 3º ano do Ensino Médio, onde são avaliadas as habilidades e competências desses alunos, em Língua Portuguesa e Matemática.

Essa avaliação faz parte do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), contribuindo para a qualidade da educação à medida que fornece informações acerca do aprendizado, que repercutirão na formulação de políticas públicas.

A Prova Brasil se fundamenta nos currículos de redes municipais e estaduais de ensino, utilizando uma matriz de referência pautada nesses currículos. Essa matriz é distribuída para as escolas, compondo competências e habilidades no estudo da língua materna e nos conhecimentos matemáticos.

As competências e habilidades em Língua Portuguesa são listadas através dos descritores. A prova em si, consta de trinta e nove questões e quinze descritores. Esses descritores, assim se denominam, porque devem descrever o que o alunado domina como competência ou habilidades, sendo considerados como o mínimo que os alunos devem apreender, não sendo considerados aptos nas duas disciplinas quando esses conhecimentos mínimos não são atingidos.

De acordo com a matriz de referência de língua portuguesa da Prova Brasil, no tópico I, são abordados os procedimentos de leitura, enfocando as habilidades indicadas pelos descritores e que são avaliadas através de variados gêneros abordados nesta avaliação, como também, através de textos com complexidades em níveis variados.

A leitura de gêneros textuais diferentes, tratada nesta avaliação, requer da prática pedagógica de professores e coordenadores, um estudo sistematizado desses gêneros, não apenas para que os alunos estejam aptos para enfrentar a avaliação da Prova Brasil, e sim, para que possam participar das atividades culturais da sociedade de forma mais eqüitativa, harmoniosa.

2. Procedimentos de leitura na prova Brasil

Vale destacar alguns descritores abordados na matriz da Prova Brasil (2009, p. 25-30), para as turmas de 5º ano, no tópico um que trata dos procedimentos de leitura, eles destacam a questão da compreensão de textos escritos. Este tópico apresenta cinco descritores, ou seja, D1, D3, D4, D6 D11, aqui serão abordados apenas dois:

Descritor 1 – Localizar informações explícitas em um texto

Exemplo de item: O Disfarce dos Bichos

Você já tentou pegar um galhinho seco e ele virou bicho, abriu asas e voou? Se isso aconteceu é porque o graveto era um inseto conhecido como “bicho-pau”. Ele é tão parecido com o galhinho, que pode ser confundido com o graveto. Existem lagartas que se parecem com raminhos de plantas. E há grilos que imitam folhas.

Muitos animais ficam com a cor e a forma dos lugares em que estão. Eles fazem isso para se defender dos inimigos ou capturar outros bichos que servem de alimento. Esses truques são chamados de mimetismo, isto é, imitação.

O cientista inglês Henry Walter Bates foi quem descobriu o mimetismo. Ele passou 11 anos na selva amazônica estudando os animais.

[MAVIAEL MONTEIRO, José. Bichos que Usam Disfarces para Defesa. FOLHINHA, 6 NOV. 1993.]

O bicho-pau se parece com

- (A) florzinha seca.
- (B) folhinha verde.
- *(C) galhinho seco.
- (D) raminho de planta.

A sugestão oferecida pela matriz, é a utilização de variados gêneros textuais em sala de aula, para que o aluno se familiarize com os temas variados, utilizando-se de suas estratégias de leitura, auxiliados pelo professor.

Descritor 3 – inferir o sentido de uma palavra ou expressão

Exemplo de item:



No primeiro quadrinho, a Mônica pensou que o lagarto era um desenho. Ao usar a expressão “DA HORA” ela deu a entender que o desenho

- (A) tinha acabado de ser feito.
- (B) durava somente uma hora.
- *(C) era moda entre a turma.
- (D) deveria ser usado na hora.

Este descritor permite avaliar a habilidade que tem o aluno para estabelecer relação entre as informações implícitas e as não implícitas no texto. Para tanto, o

conhecimento prévio do aluno oferece uma grande contribuição para a compreensão leitora.

As sugestões para desenvolver esta habilidade são oferecidas pela matriz, considerando que a estratégia de inferência está relacionada às práticas de leitura dos alunos nos diversos contextos de sua vida.

Cabe à escola, portanto, a promoção de atividades que contemplem os diversos gêneros textuais, onde o professor se coloque como o mediador, contribuindo para que o alunado estabeleça relações entre os diferentes elementos textuais, bem como a discussão de diferentes possibilidades de interpretações que o texto permitir.

3. O desenvolvimento das estratégias de leitura de alunos do ensino fundamental

As estratégias de leitura atualmente tão propaladas no meio acadêmico dos estudos lingüísticos oferecem um entendimento acerca dos procedimentos que envolvem o ato de ler.

Goodman (1976) desenvolveu um modelo de leitura, a leitura como jogo psicolingüístico de adivinhações, destacando a valorização do papel de uma das estratégias de leitura, a predição. São as estratégias de leitura que facilitam ao leitor, a compreensão do texto. Estratégias essas que desenvolvem-se e modificam-se durante o processamento da leitura. As estratégias básicas de leitura podem ser definidas da seguinte forma:

[...] a predição, que é a capacidade de o leitor antecipar-se ao texto à medida que vai processando a sua compreensão; a seleção, ou seja, a habilidade de selecionar apenas os índices que são relevantes à sua compreensão e propósito (...), a inferência, através da qual o leitor completa a informação, utilizando a sua competência lingüística, o seu conhecimento conceptual e os esquemas que estão em sua mente; a confirmação, que é utilizada para verificar se as predições estão certas ou precisam ser reformuladas e, finalmente, a correção, ou seja, uma vez não confirmada a predição, o leitor levanta outras hipóteses e busca outras pistas, sempre na tentativa de encontrar sentido no que lê. (GOODMAN,1976, apud SILVEIRA, 2005:30).

Estas estratégias básicas permitem ao leitor, o controle constante de sua leitura para que encontre sentido no texto. O que merece uma reflexão acerca da leitura escolarizada, que em muitos casos, é centrada no professor.

Kato (1999) destaca a importância da estratégia da predição, ressaltando que as demais estratégias básicas são necessárias para a compreensão do texto. Esta

pesquisadora reconhece a necessidade do professor entendê-las, para então orientar os alunos a desenvolver estratégias de leitura que lhes permitam apreender o significado de um texto escrito, cabendo à escola oportunizar situações de leitura com os diversos gêneros para que os alunos apliquem as suas estratégias metacognitivas.

Para Kato (op.cit.:12), as unidades de ensino poderão oferecer situações-problema, onde as dificuldades na leitura, trabalhadas a partir das estratégias, proporcionem a apropriação do ato de ler com entendimento.

Para os autores citados, a leitura é constituída por práticas constantes, pode-se dizer que, aliando-se à estas práticas, acrescenta-se bons textos, o papel mediador, que deveria ser inerente a todo professor. São elementos que fazem toda a diferença no contexto escolar.

Deve-se acrescentar ainda, que, para que o aluno desenvolva satisfatoriamente, as estratégias básicas de inferência e predição, de acordo com Borba e Guaresi (BORBA e GUARESI, 2007) é preciso que os conhecimentos prévios deste aluno sejam levados em consideração ao se estruturar planos, projetos e programas de leitura.

A condição de leitor proficiente é um longo caminho a ser percorrido pela maioria dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, porém, é também um caminho que por ora, já deve ser iniciado.

Considerações finais:

A análise realizada acerca das contribuições para a compreensão de textos escritos a partir do uso didático dos gêneros textuais, ressalta o importante papel do professor, em particular, o dos anos iniciais, ou seja, do 1º ao 5º ano.

O papel de professor mediador das atividades de leitura, visando a uma compreensão por parte do aluno, daquilo que é lido, implica em apropriar-se de conhecimentos sobre o processamento da leitura, de estratégias cognitivas e metacognitivas que permeiam este processamento. É relevante abordar também que os conhecimentos prévios do aluno são de extrema importância neste ato.

O desafio maior da educação também é, preparar os alunos para a vida em sociedade, para a apropriação dos bens culturais. Para tanto, não basta prepará-los para a Prova Brasil, e sim, prepará-los para o desafio do ato de ler, ler com prazer e ler com compreensão, definitivamente.

Entende-se que este tema vai muito além desta análise, pois o processo educativo engloba inúmeros fatores, porém, ela serve de instigação para que algumas renovações possam se concretizar no seio da escola, ou melhor, da sala de aula.

Referências

ALB. *Leitura: teoria e prática*. Associação de Leitura do Brasil. Ano 1, nº 0, 1982. Campinas, SP: Global, 2009. Revista da Associação de Leitura do Brasil. Periodicidade: semestral. ISSN: 0102-387x . Ano 27, nº 52, jun. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. PDE_ Plano de Desenvolvimento da Educação. *Prova Brasil*. Brasília: 2009.

BORBA, Valquíria C. M.; GUARESI, Ronei. *Leitura: processos, estratégias e relações*. (Org.). Maceió: EDUFAL. , 2007.

GOODMAN, Kenneth S. O Processo de Leitura: Considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In: *Os Processos de Leitura e de Escrita: novas perspectivas*. Org. FERREIRO, Emília & PALACIO, Margarida Gómez, Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. p.11-68.

KATO, Mary. *O Aprendizado da Leitura*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de Leitura: teoria e prática*. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. *Texto e Leitor.: aspectos cognitivos da leitura*. 6. ed. Campinas: pontes, 1999.

_____. *Leitura e Interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Ed. Mercado das letras. (s.d.)

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Estratégias de Leitura. In: ____ *Modelos Teóricos e Estratégias de Leitura: suas implicações no ensino*. Maceió: Edufal, 2005. p. 65-87.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Unidades de Leitura: trilogia pedagógica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

LEFFA, Wilson. *Aspectos da Lectura.: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: sagra-luzzato. 1996.

www.ipm.org.br, (consultado no dia 18/04/10).